



PRINCESA MONONOKE: UM OLHAR PARA A BARBÁRIE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE PSICOLOGIA E FICÇÃO

STHEFANY LACERDA DA SILVA¹; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI²

¹Universidade Federal de Pelotas – sthefanylaccc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em um contexto de barbárie, que espaço existe para o fantástico? O que pode a ficção, frente à realidade que nos espanta? Que caminhos, ferramentas e dispositivos nos ajudam a ler e a compreender o que acontece à nossa volta? Partindo desses questionamentos, no âmbito da psicologia, visamos articular alguns aspectos presentes na animação *Princesa Mononoke*, dirigida por MIYAZAKI (1997), com uma possível leitura da barbárie contemporânea. Cabe salientar que o presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento, vinculada ao projeto “Psicologia, Fenomenologia e Arte: caminhos para a construção da experiência”. Tal projeto utiliza-se das animações japonesas dos Studios Ghibli como disparador para um aprofundamento da noção de experiência, bem como para a produção científica, no que tange a perspectiva fenomenológico-existencial.

A temática do anime *Princesa Mononoke* gira em torno da relação entre seres humanos e natureza, mas traz questões que reverberam profundamente na compreensão da vida enquanto uma complexa trama biológica-psíquica-cultural-espiritual. A história se passa no Japão antigo, em um tempo indeterminado, no qual coabitam samurais, aldeões e seres mágicos, vivendo em florestas ancestrais. A trama escancara a irracionalidade cega que leva ao aniquilamento dos seres que se colocam no caminho do progresso.

O diretor Hayao Miyazaki, nascido em plena segunda guerra mundial, é uma grande referência da animação japonesa. Suas criações transportam o espectador para uma experiência de contato com mundos que, apesar de fantásticos, evocam um forte sentimento de real. Em seus filmes, uma característica marcante é a constante presença de uma atmosfera de guerra. Isso certamente tem a ver com a experiência do próprio artista, cuja infância foi vivida em meio à devastação que assolou o arquipélago japonês (SILVA, 2019).

Não é preciso ir muito longe para percebermos que nossas vidas se desenrolam no seio do que o filósofo BENJAMIN (1987) anunciou como nova barbárie. Esta teria sido inaugurada pela emergência de uma nova miséria, que o autor localiza na primeira guerra mundial. Trata-se do momento de apogeu da técnica, que coincide com o declínio da capacidade humana de fazer experiências - e de comunicá-las. O domínio da relação entre a natureza e a humanidade também é fortemente marcado pela técnica, que “traíu a humanidade e transformou o tálamo nupcial em um mar de sangue” (BENJAMIN, 2017, p. 65).

É evidente a complexidade do mundo que construímos, bem como a multiplicidade dos grupos e das diferenças que habitam o planeta. Mas nos perguntamos: pode algum deles prescindir de sua conexão com a terra e de sua relação com outros seres vivos? Nossa alienação da natureza nos leva a tecer diálogos também com o escritor e ativista indígena KRENAK (2019), importante referência do movimento socioambiental e da luta histórica por direitos dos povos originários. Assim, diante de um cenário marcado por tamanha complexidade, partimos da Psicologia para articular essas indagações. Consideramos que esta



ciência humana não pode prescindir da compreensão de seu horizonte histórico, que produz modos de subjetivação, sustentando certos imaginários sociais.

2. METODOLOGIA

Ao traçar as interlocuções aqui anunciadas, nos valem da junção do método fenomenológico de pesquisa e da perspectiva benjaminiana, que propõe a constelação como método. A Fenomenologia, enquanto corrente de pensamento, se conecta à Psicologia desde o seu surgimento, partindo da experiência vivida para estruturar um caminho de rigor no âmbito da produção do conhecimento (HUSSERL, 2012). O pensamento benjaminiano soma a este percurso os elementos de uma teoria crítica, capaz de subverter o pensamento tradicional e dicotômico, valorizando a narrativa, a arte e os fragmentos como pistas potentes para investigações.

Desse modo, articular conceitos como o de barbárie e o de civilização não enquanto meramente contrapostos/antagônicos, mas em uma perspectiva relacional - nos moldes de uma constelação, como propunha Benjamin - possibilita um mergulho profundo em suas diferenças e proximidades. Isso permite, segundo MARINHO (2015), “a entrada do esquecido, do recalçado e do oprimido na escrita da história” (p. 11). Assim, desde um ponto de vista constelar, a ideia de barbárie passa a adquirir “a possibilidade de aparecer na cultura e ser lida em suas nuances, seus detalhes e suas contraposições, com o intuito de compor a constelação da própria cultura” (p. 12).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de barbárie, comumente compreendida como contraposta a de cultura, só se sustenta à medida em que se opõe a uma ideia de civilização. Porém, é curioso observar que a forma predatória com que o ser humano tem habitado a terra é a que se diz, ao longo da história, civilizada. BENJAMIN (1987) já nos ajuda a perceber, em suas teses *Sobre o conceito de história*, que a barbárie e a cultura não estão tão afastadas assim, quando afirma que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie” (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Nessa perspectiva, a barbárie é intrínseca à constelação da própria cultura. Essa constatação lança luz ao fato de que, historicamente, não houve processo cultural hegemônico que não tenha se sustentado pela distinção dicotômica bárbaro x civilizado, bom x mau, evoluído x primitivo, e que não tenha, portanto, implicado na aniquilação de outras culturas, no apagamento de suas narrativas, na tomada de suas línguas e na colonização de seus modos de vida. É nesse sentido que Krenak alerta para o fato de que “se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades” (KRENAK, 2019, p. 13).

A discussão bárbaro x civilizado, a lógica de oposição que opera no significado que atribuímos a cada termo, nos faz pensar no risco envolvido em concebermos a humanidade como unidade, bem como no risco de naturalizarmos esse conceito. Isso porque muitas existências ficaram de fora do entendimento moderno de humanidade e a muitos têm sido negado, no processo histórico em curso, o estatuto de humano (KRENAK, 2019).

Em *Experiência e pobreza*, publicado originalmente em 1933, BENJAMIN (1987) denuncia a emergência da nova barbárie, associada à experiência incomunicável da primeira grande guerra, da qual os soldados-sobreviventes



retornaram silenciosos. Esse ensaio dialoga, também, com *O narrador* - publicado em 1936 - em que o autor associa o declínio da faculdade de fazer experiências com a dificuldade de narrar, através da linguagem “comum”/cotidiana, o horror experienciado nessa circunstância histórica, marcada por crises sem precedentes (BENJAMIN, 1987).

Como instrumento narrativo - e de leitura - de uma realidade absurda, emerge a ficção. O realismo fantástico apresenta-se, nessa perspectiva, como uma forma de linguagem que traz à tona algo pungente, capaz de nos atingir pela vertente da imagem, acordando os sentidos. Através da ficção, MIYAZAKI (1997) narra acontecimentos muito fortes e, em certa medida, incomunicáveis - exceto pela via da arte. Trata-se, nessa perspectiva, de um trabalho de narração do inenarrável, e de uma elaboração que só se cumpre a partir do recurso ao fantástico. Nesse processo, a ficção atua como algo que acorda os sentidos e que, ao possibilitar a narração de uma história viva, convida o expectador a fazer uma experiência.

Assim, o contato com a narrativa de MIYAZAKI (1997) permite uma compreensão alargada do que BENJAMIN (2017) nos coloca, à medida em que o autor aponta que a nossa alienação em relação à terra e aos outros seres só poderia resultar na estupidez e na obnubilação dos instintos mais humanos, empobrecendo, inclusive, o uso do intelecto. Tal fenômeno acontece no anime *Princesa Mononoke*, quando se processa uma cisão entre a conexão com o mundo da natureza e a capacidade de uso da razão humana.

A cultura moderna-colonial-ocidental nos submete de modo a ambicionarmos ver tudo e a ter sobre as coisas um domínio irrestrito. Ambicionamos um poder de visualização que não admite o mistério, o oculto, o desconhecido. Tiramos do mundo o fantástico que lhe é próprio: assim, acreditamos dominá-lo, acreditamos que dele podemos fazer o que bem entendermos. Tudo em nome do espírito da técnica que se consumou, em escala planetária, na primeira grande guerra.

A constatação de que nos alienamos desse organismo mágico do qual fazemos parte é feita, também, por KRENAK (2019). Ele nos ajuda a compreender que inventamos uma separação entre Terra e humanidade, de modo a acreditarmos que nos cabe possuímos o domínio e a exploração total desse organismo externo a nós, cuja existência atrapalha nossos interesses humanos.

A barbárie contemporânea, caracterizada pela falência da relação predatória dos seres humanos com a natureza, têm sido escancarada na atualidade. A atual atmosfera de sufocamento materializa-se tanto pelo avanço desenfreado do novo coronavírus, quanto pelo colapso ambiental que corre o mundo, afetando a nossa respiração e a nossa capacidade de imaginar saídas. KRENAK (2019) afirma que vivemos em um tempo que produz ausências e que, a todo momento, tende a inviabilizar a nossa imaginação. Mas nos lembra de que há no mundo pequenas - mas numerosas - constelações de gente que imagina, que dança e que faz chover. A provocação de adiar o fim do mundo significa, nessa perspectiva, apostar no resgate da nossa capacidade humana de narrar histórias, de inventar mundos, de abrir espaço para que narrativas fantásticas circulem em nós. Enquanto pudermos ficcionar - e dialogar com a ficção - estaremos adiando o fim.

4. CONCLUSÕES

O pensamento benjaminiano pode ser colocado em diálogo com o de Ailton Krenak, sobretudo à medida em que Benjamin compreende a técnica, não somente como dominação da natureza, mas como dominação da relação entre a natureza e a



humanidade. Através do domínio da técnica, a humanidade pretende dominar a natureza. E o fazemos de forma tão pragmática que retiramos de nós mesmos, enquanto humanos, a possibilidade de uma autêntica experiência de criação e diálogo com o fantástico que nos cerca - e que nos atravessa. A narrativa ficcional se apresenta, aqui, como forma de resgatarmos nossa capacidade de “contar mais uma história” e de, assim, “adiar o fim” (KRENAK, 2019, p. 13).

Em relação ao papel da Psicologia frente à complexidade do mundo contemporâneo, consideramos que cabe a esta ciência humana situar-se diante dos fenômenos sociais, sempre em movimento. Para isso, é fundamental tanto uma abertura a interlocuções, quanto uma atenção às diferentes ferramentas que podem ser utilizadas na leitura da realidade. A presente pesquisa em andamento trata-se de um exercício teórico-metodológico nesse sentido, tendo em vista a importância de olharmos, a partir de diferentes ângulos, para problemáticas tão complexas - e urgentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, volume 1).

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

MARINHO, C. **Conceito de barbárie em Walter Benjamin**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia da Arte) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura: Minas Gerais.

MIYAZAKI, H. **Princesa Mononoke**. Direção: Miyazaki Hayao. Produção: Studio Ghibli, 1997. DVD. Cor.

SILVA, M. D. **O mito moderno em “Mononoke-Hime” de Hayao Miyasaki**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa.